

CRÍTICA DANÇA

## Férias algarvias em 3D

Para *Pão Rico* a autora-intérprete Vera Mantero pesquisou sobre a descaracterização do litoral algarvio.

★ ★ ★ ★ ☆

LUÍSA ROUBAUD

29 de Maio de 2017, 20:56



“Este é um espectáculo de ideias feitas”, prevenia Vera Mantero no texto da folha de sala. Para *Pão Rico* a autora-intérprete pesquisou sobre a descaracterização do litoral algarvio, a partir de um lugar emblemático: a cidade de Quarteira. O desafio não era fácil: o que pode uma performance acrescentar aos lugares comuns, quando o debate é acirrado por já tão esgrimidos argumentos e o termo gentrificação entrou na gíria?

Com o olhar desarmado de quem assume a condição exterior, de turista, Mantero leu e conversou com os locais, deambulou por aldeamentos e campos de golf, pelo betão a esmagar a praia, lotas e parques diversão. A peça, eco genuíno e desafectado, sensível e bem-humorado dessa vivência, encontrou dispositivos cénicos certos para com ela deslizarmos num registo impressivo e reflexivo em 3D, a que a intimidade do anfiteatro montado dentro do palco ajudou.



★★★★☆

## Pão Rico

de e por Vera Mantero

Lisboa, Palco do Grande Auditório da Culturgest, 27 de Maio, 21h30

Sala cheia

As balizas foram bem definidas: em cena três grandes balões azuis (do icónico creme Nívea) ladeados de redes pesca; ao fundo, a projecção em grandes dimensões da areia da praia revolvida por mãos cobiçosas a desenterrar notas de Euro. *Zoom out* para a vista panorâmica da cortina

de prédios sobre a praia de Quarteira, e eis que Mantero irrompe em palco, de biquíni, o glamour risível da veraneante temporária empolado pelo logotipo sonoro da *20th Century Fox* em alto volume.

Mas a experiência presentificada expande-se a outras cronologias. Excertos de *As Praias de Portugal*, o “guia para banhistas e viajantes” de Ramalho Ortigão (1876), ditos aos vivo ou em *off* (Mantero revela-se uma belíssima *disease*) são uma actualíssima sátira existencial sobre o ócio, e a narração novecentista dos efeitos benfazejos da exposição balnear, lembra-nos épocas em que poucos sabiam o que eram férias e, muito menos, o turismo. Ou como a febre do dinheiro e da areia infectou a orla algarvia no pós-25 de Abril, quando a projecção percorre páginas do *Jornal de Quarteira* dos anos 70/80, enquanto a intérprete interage com um hilariante kit de relva portátil e tacos de golfe.

Vistas do *Google* a revelar o padrão repetitivo da malha urbana de aldeamentos e piscinas, alternam com a imensidão tranquila do mar; marinas com iates para todo o tipo de bolsos a impor-se a pequenas embarcações pesqueiras de nomes extraordinários. Ouvimos sobre o atum, o “porco do mar” do qual, da lota às indústrias de transformação, tudo se aproveita; e, enquanto ao canto do palco um ecrã expõe os gestos automatizados das camareiras nos quartos de hotel, seguimos o incrível guia de preceitos desta população sazonal, silenciosa e descartável, destituída da aura de resistente trágico que, apesar de tudo, envolve o pescador.

O *videoclip* do *rap* algarvio com bairros anódinos em fundo, é o de uma região a viver a vários tempos, esquecendo que o baile mandado terá sido o seu primeiro *rap*.

Depois do timbre nostálgico de *Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional* (2012), sobre a desertificação do interior montanhoso, Mantero foi bem mais acutilante no papel de artista-etnógrafa, embora as conexões entre a sua vincada personalidade

motora e a concepção cénica nem sempre entrem em conjugação. Se ambas as peças assinalam um novo território criativo no seu percurso, sinalizam, ainda, um discreto novo interesse da dança portuguesa por “temas nacionais”. E, se o Algarve conheceu a explosão turística muito antes do resto do país, a imagem final, um mergulhador-peixe a fitar-nos perplexo enleado na rede que desceu sobre o proscénio, é a de todo um Portugal a assistir, atónito, a um fenómeno sem precedentes.